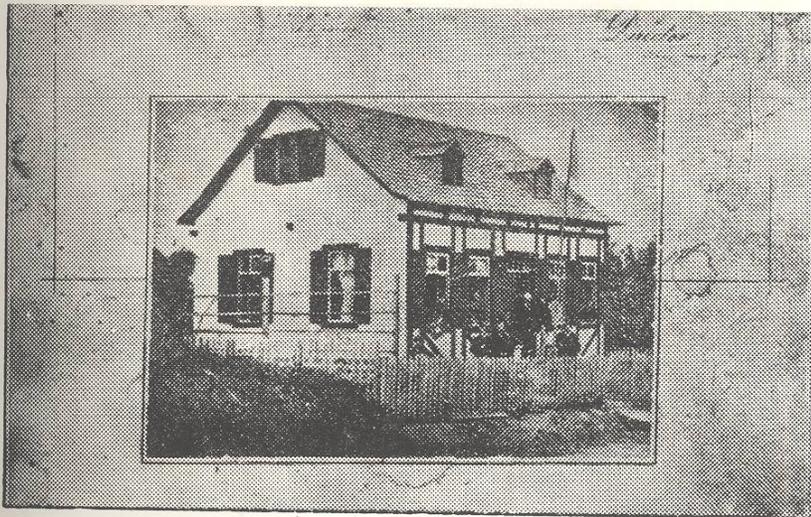




NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO VI

Nº. 23

EDIÇÃO DA
SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de Agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954

C.G.C. 83721 639/0001-93

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal, 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM



Notícias de "Vicente Só" **BRUSQUE — ONTEM E HOJE**

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob nº 02 no Livro de Registros de Pessoas
Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicada trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

DIREÇÃO: AYRES GEVAERD

Composta e impressa nas Oficinas da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE-ONTEM E HOJE

Ano VI

Julho, Agosto e Setembro de 1982

Nº 23

Sumário

A VIDA DE REINALDO GRAUPNER

Crônica de Brusque no início do século 50

Maria Luiza Renaux Hering

DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO BARÃO MAXIMILIANO

DE SCHNEÉBURG — Janeiro, março e abril de 1864 64

Capa — Gentileza de Wolfgang L. Ratu.

Clichê — A "Casa da Diretoria" em 1872 por ocasião da Primeira Exposição das Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro.

A vida de Reinaldo Graupner

--- CRÔNICA DE BRUSQUE NO INÍCIO DO SÉCULO ---

Maria Luiza Renaux Hering

A história de cada qual em particular é a história da cidade.

A memória coletiva é o patrimônio que forja com sua experiência e seus valores, as gerações que se sucedem. Um corpo social sem, os valores nascidos da experiência em comum, não se afirma e não sabe defender o que tem de próprio; é tal qual uma árvore sem raízes, que não resiste aos ventos das influências alheias.

Reconheçamos pois, nossas raízes, a fim de preservar nossa identidade e nossa força.

Mora em São Paulo um brusquense ainda lembrado pelas gerações mais velhas de nossa cidade, com quem colaborou no trabalho e no lazer nos primeiros anos deste século. Trata-se de Reinaldo Graupner que vive com sua esposa Dona Maria em tradicional residência na capital paulista, cercado de belos quadros, fruto de sua carreira bem sucedida, e onde o acometem cada vez mais, as lembranças da juventude passada em Brusque.

Embora não querendo reconhecê-lo, por ver-se modestamente como simples fruto das características herdadas de pai inteligente e mãe dedicada, Reinaldo Graupner personaliza o esforço dos "self made man", os heróis da fase pioneira do capitalismo numa época em que o mercado de bens em expansão abria possibilidades para aqueles que conseguiam realizar os seus negócios exatamente no momento e no lugar certos.

O relato de sua vida ilustra o ambiente de Brusque no começo do século, as possibilidades e as dificuldades que havia nessa pequena cidade para a formação e carreira de um jovem. Reinaldo Graupner foi sem dúvida, no seu esforço em adquirir conhecimento e no vigor do seu trabalho, o retrato de uma época e um estímulo a ser deixado.

A antiga família Graupner, que ainda tem descendentes em Brusque, era muito conhecida, principalmente através de seu fundador, o

senhor Reinhard Graupner, lembrado por sua inteligência e pelo talento irônico de poeta que se expressava com graça e malícia nos jornais e nas publicações comemorativas.

Reinaldo Graupner nasceu em Brusque, no dia 10 de abril de 1891. Sua mãe, Clara, pertencia a uma família cujo sobrenome já não existe mais na cidade. Era filha de Carl Peiter, serralheiro e fabricante de ferramentas agrícolas, enxadas e foices fornecidas para o governo provincial. A família Peiter morava numa casa muito distinta no centro da cidade, com arcos de granito em sua fachada, no local onde hoje se encontram as "Lojas Krieger". Carl Peiter tinha 5 filhos homens que seguiram sua profissão, sendo que um deles, Paulo, mudou-se para Tijucas; o outro, Rudolph, para Itajaí, o terceiro, Phillip, foi para Blumenau e o mais velho, Carl, para Porto Alegre. Rudolph em Itajaí, foi o que mais progrediu. Chegou a ter um moinho de arroz e um dos seus filhos foi o proprietário das famosas "Casas Peiter" de Blumenau.

O pai de Reinaldo Graupner era natural da Saxônia. Espírito exaltado e inconformado, ideologicamente fora na Alemanha um defensor radical do liberalismo. Viera ao Brasil contratado como professor particular da família Carl Hoepke, em Florianópolis. De sua formação cultural, fazia parte a música. Era organista e a muitos jovens ensinou a arte do violino. Temperamento inquieto, deixou a capital e veio a Brusque, onde se casou. Depois do nascimento de seus filhos, abandonou a família e partiu para São Paulo. Mais tarde, voltou a Blumenau e também a Brusque, onde uma vez mais foi professor, desta vez junto à família de Carlos Renaux e na Escola Evangélica. Foi nesta época que seu espírito mordaz e inteligente, marcou em quadras poéticas, o ritmo da vida brusquense.

A vida de Reinaldo Graupner foi marcada pelo esforço precoce de uma infância sem pai. Sua mãe, para sustentar a família, instalara um pequeno ateliê de costura e chapéus para senhoras. Ela própria buscara alguma instrução junto a uma professora da família Boettger, no intento de educar os filhos e assim dar-lhes as primeiras lições sobre números e letras. Mas o sustento de três crianças era muito pesado e o menino Reinaldo teve que ser entregue à família da filha do velho Rischbieter em Blumenau, onde freqüentou a escola.

Cedo o pequeno Graupner destacou-se na matemática, a ponto de não freqüentar a classe comum, mas receber ensino isolado, individual. Tendo voltado a Brusque em férias, a mãe queria que aqui permanecesse. O ensino, na comunidade evangélica a que pertencia, estava a cargo do pastor Lange. Este, na aplicação de exame escolar, perguntou ao recém-chegado, o que sabia. Graupner, com quatorze anos, revelou-lhe seus conhecimentos de álgebra e trigonometria. O pastor intrigado, chamou-o de mentiroso, mas depois, convencido de seu preparo, dispensou-o da escola.

Era preciso trabalhar e a oportunidade estava em Itajaí. Havia lá um negócio, propriedade de uma viúva de sobrenome Hundt, que

ofereceu emprego ao jovem Graupner, como ajudante de venda. De início, não recebia salário, dispondo apenas, de quarto e comida. Foram anos bons. Em frente à loja de Frau Hundt ficava a filial de uma livraria de Blumenau gerenciada por Eugen Kurlin. Foi ali que o adolescente brusquense passou suas melhores horas, aproveitando seu tempo na leitura dos livros de matemática, física e astronomia.

Clara Graupner com dois de seus filhos, mudou-se para São Paulo e passou a viver em casa de sua irmã, bem casada com um funcionário da companhia São Paulo Railways. Reinaldo seguiu-a, após dois anos de estadia em Itajaí. Nos dois primeiros meses, não foi possível encontrar emprego na cidade. Depois, foi acolhido pelo gerente de uma companhia americana de seguros que lhe arranhou boa colocação junto a uma firma comercial italiana, de Gênova. Com o emprego, Graupner recebeu casa e comida acolhida familiar na casa de seu chefe.

As saudades da terra natal trouxeram Frau Graupner de volta a Brusque. Algum tempo depois, o filho que ficara em São Paulo, é surpreendido com uma carta, contendo uma mensagem de Carlos Renaux: a fábrica de tecidos, em sua segunda década de existência precisava de colaborador competente e requeria sua presença. Reinaldo Graupner deveria substituir Otto Renaux na fábrica, pois este estava de partida para a Alemanha a fim de especializar-se em tinturaria.

O convite não foi aceito de imediato e Graupner bem ambientado em São Paulo, desculpou-se, alegando não ter meios para pagar a passagem. Carlos Renaux, porém, não era homem que desistisse facilmente de seus intentos e ao moço relutante, enviou o dinheiro para a viagem. Sentindo-se moralmente comprometido, Reinaldo Graupner volta para trabalhar em Brusque, aos dezesseis anos de idade.

Foi então que, no seu dizer, encontrou o maior de todos os seus amigos, Otto Renaux, que estava com 20 anos de idade. Tinham os dois temperamento que se complementava, não apenas nos negócios, mas na alegria de viver e na arte das brincadeiras numa época em que a vida pacata da cidade precisava contar com a imaginação fértil da população para animar o ritmo uniforme do quotidiano. E essa imaginação, como veremos, não faltava em Brusque.

As condições de trabalho iniciais, foram duras. Seis meses sem pagamento, até atingir prática com o maquinário de fiação. Ao final de quatro meses, devido à penúria, foi preciso no entanto, queixar-se para receber o primeiro salário, metade da quantia fixada para o término do período de aprendizagem. Após seis meses na fábrica, seguiu-se o ordenado completo, um dos mais altos salários locais, 140\$000. Faltava agora, repor o dinheiro da passagem!

Na fábrica o trabalho distribuía-se harmoniosamente entre Gustavo Schloesser, chefe da tecelagem, Reinaldo Graupner, chefe da fiação e Otto Renaux, chefe da tinturaria, sob direção de Carlos Renaux, que às vezes se ausentava por longo tempo, em busca de capitais e equipamentos na Europa.

Os tempos eram difíceis para uma empresa que apenas começava. Otto Renaux e Reinaldo Graupner saíam de sua casa no centro da cidade, às 4,30 hs. da manhã e iam de bicicleta até a fábrica. Em dias de chuva, quando o barro dificultava o acesso pela estrada, tomavam a condução dos operários. Era um vagão trazido por Carlos Renaux da Europa, puxado sobre trilhos por duas mulas, indo desde o porto, ao lado da ponte no centro da cidade, até a fábrica. Servia para o transporte de 40 a 50 operários e quem o dirigia era o maquinista Frank, vindo da Alemanha.

O trem partia às 5,30 da manhã chegando ao ponto final às 6,00hs, horário de começar o serviço. Trabalhavam até às 8,00hs. da noite, às vezes, até às 10,00 hs. Havia épocas em que as máquinas paravam completamente por falta de algodão ou de pedidos. Os operários nessas condições eram dispensados, o que não acontecia com os responsáveis pelas seções. Estes eram obrigados a cumprir horário integral em qualquer época, para zelar pelo patrimônio e aguardar alertas, qualquer reação positiva do mercado naqueles tempos de crise econômica constante. Às vezes um pequeno estímulo à produção vinha do município vizinho, Blumenau. E pode-se imaginar então, o quadro pitoresco daqueles três companheiros, Reinaldo Graupner, Gustavo Schloesser e Otto Renaux, fiando tecendo e tingindo um fio grosso, especial, para vestir os frades franciscanos daquela cidade. Acrescentou Gustavo Schlösser em entrevista, que, na falta de colorante importado, usava-se uma tinta feita do talo da bananeira ou do cozimento de certo tipo de formigas, adquirida em Nova Trento.

Na fábrica, Reinaldo Graupner tinha ainda, a função de administrar a "Krankenkasse", espécie de fundo de saúde para o qual o operário contribuía mensalmente com 1,5 mil-réis. Ocupava dentro da empresa, uma pequena sala que lhe servia de escritório e era ali que junto de Otto Renaux, aprendia nas horas de folga, as regras do Curso Comercial mandado vir da Alemanha, entrosando-se ambos, na prática dos negócios. Nas horas de folga ainda, dedicava-se ao estudo de línguas. Francês aprendera por livros, e o inglês praticava-o com o desenhista contratado pela firma Buettner, um inglês chamado Watson.

A vida na cidade era muito simples, mas humana, qualquer diversão às custas dos próprios cidadãos. No centro da cidade, local onde hoje é a praça, fora erigida a residência de Carlos Renaux que anteriormente morava junto à fábrica. Era um belo casarão de três andares, com jardim de grama na cobertura, ornado por belas estátuas feitas por artista italiano da rua das "Carreiras" representando os ofícios em concepção clássica. No segundo andar residia Otto Renaux e no térreo Reinaldo Graupner. O proprietário da casa, o "velho Renaux" era tido como muito progressista, trazia coisas para Brusque que ninguém pensava em trazer, como a estrada de ferro da fábrica ao centro da cidade e a concepção daquela bela casa, mas era muito enérgico e ao surrar os próprios filhos, dizia-se que surrava também os da vizinhança. Da casa no centro, onde residia, Graupner acompanhava o há-

bito local de, pela manhã bem cedo e à noite, banhar-se no rio. Dispensava porém a cachaça, com que os demais procuravam fugir ao frio após o banho.

Igualmente no "centro", onde se localiza a casa do Sr. Júlio Tietzmann, próximo às Lojas Krieger, ficava o negócio inicial de Carlos Renaux, antes de integrar-se à fábrica. Este negócio fora comprado por Emil Raguse cujo sobrenome já não existe em Brusque. Raguse teve a chance de viajar a Alemanha com o Sr. Henrique Hoffmann, dono de uma confeitaria na descida do morro da Igreja Evangélica e que herdara fabulosa quantia em marcos. Enquanto o Sr. Hoffmann cuidava da transferência de sua herança, Raguse aproveitou a viagem para trazer artigos variados para a sua loja. Pela alfândega de Itajaí, à noite, passaram sacos cheios de mercadorias, causando maior espanto aos brusquenses, os relógios de mesa com música.

Era também o "centro", o ponto estratégico de onde se acompanhava o desenrolar da vida em Brusque. Havia aí um pequeno bar, onde costumavam se encontrar os tecelões de Lodz. Quando um deles, Kreibich, um dos pioneiros de nossa indústria, partiu para o bairro da Garcia, em Blumenau, Graupner, menino ainda, viu da praça passarem carroças transportando mudança. Quadro nostálgico esse, da partida de um pioneiro deixando atrás de si a cidade cujo destino ajudara a traçar. Não faltavam porém, as cenas engraçadas nas quais se expandia toda a alegria e o humor dos brusquenses. Foi assim no dia em que apareceu a primeira motocicleta em Brusque. Otto Renaux fez o passeio inaugural. Rodava rápido pelas ruas da cidade e cada vez que passava pelo grupo de espectadores reunidos na praça, saudava-os com palavras e acenos indecifráveis. Ao cabo de muitas voltas quando o veículo finalmente parou, a assistência soube do significado de todos aqueles sinais feitos sobre a moto em movimento: era Otto Renaux tentando saber como se desligava o motor. Não obtendo resposta, teve que rodar até terminar a gasolina!

As noites eram românticas naquele tempo, a música fazendo parte da rotina. O instrumento da moda era o violino e havia tocadores exímios como Primo Diegoli, Gustavo Krieger, Ludwig Luebke, Reinaldo Graupner aprendera a tocar violino por si e flauta, através de um método italiano do Primo Diegoli. Sempre que apareciam circo em Brusque, apresentava-se junto, na banda. Nas residências particulares, faziam-se pequenos concertos. No 1º andar da casa de Carlos Renaux havia uma sala de música. Ali os jovens se apresentavam em pequeno conjunto, do qual participava também Carlos Renaux Júnior como segundo violino, e o pai de Reinaldo no piano. O dono da casa era exigente, ouvia mal, mas ouvia como diziam os jovens, e para ele tocava-se geralmente música clássica, de tempo menos rápido. Alguns moços tocavam violão. Os encontros musicais ocorriam no salão junto ao bar do senhor Nelli onde, ao sabor da cerveja, se ensaiavam as serenatas encomendadas pelos namorados. Ao som de dois violões, violino, flauta e clarinete os seresteiros costumavam

passar pela "rua das Trevas" que saía do hotel Schaefer em direção ao rio, seguindo para a "rua das Carreiras".

O teatro também fazia parte daquela geração. Reinaldo Graupner era ator amador e contracenou nalgumas peças com a mocinha "Nuni" que fôra criada na casa do coronel Krieger e mais tarde se casou com Guilherme Diegoli. Seu maior sucesso no palco foi no dia em que o amigo Otto, sabendo da estréia, o seduziu para a adega de seu pai, expressamente proibida mas onde se encontravam os melhores vinhos. Graupner saiu dali alegre e jamais em outra peça, se mostrara tão eloqüente. Até o texto lhe fora supérfluo!

O esporte igualmente não é privilégio da geração atual. Naquela época, o sexo masculino exercitava os músculos no "Turnverein", associação de ginástica, fundada pelo mestre do maquinário da fábrica Renaux, o alemão Franck, genro do velho coronel Lauritzen. A associação com sede no "Schützenhaus". Clube dos Atiradores, foi impulsionada por Rudolph Laux e Reinaldo Graupner que passou a dirigi-la. Constava da programação ginástica na barra e em aparelhos especiais, corridas e jogos, todas as terças e sextas-feiras à noite, das oito às dez horas. Os outros dias, as quartas-feiras e os sábados no caso, eram reservados para o namoro. As quintas-feiras eram dedicados ao ensaio de música e às serenatas.

As vezes a cidade era abalada por algum evento incomum. Fôra assim durante a instabilidade política dos primeiros anos da República, no conflito entre pica-paus e maragatos que envolveu também as principais famílias de Brusque e ao qual boa parte da população reagiu com solução tipicamente local para estas ocasiões: "Deus é grande, mas o mato, é maior!" E seria assim mais uma vez quando os cientistas anunciaram o aparecimento do cometa de Halley, no ano de 1910. A notícia foi tomada como uma fatalidade pois pensava-se numa colisão entre a terra e o cometa que provocaria grande explosão. Assim, podia-se ver as famílias brusquenses, os Boettger, os Strecker, Gottlieb Becker e outras sentadas nas escadas de suas casas aguardando pacientes, "o fim do mundo". Reinaldo Graupner, amante das ciências e preparado pelos livros, participava do fenômeno de maneira bem diferente: todas as noites, entre as 2,00 e 4,00 hs. da madrugada, assistia solitário, ao belo espetáculo do cometa de Halley visível a olho nu no céu de Brusque.

Com o passar do tempo e dos anos de trabalho em comum, Reinaldo Graupner e Otto Renaux adquiriram experiência e segurança para começar negócio próprio. A chance apareceu com o representante dos artigos catarinenses no Rio Grande do Sul, que garantiu aos dois empreendedores, o mercado gaúcho para a produção de meias. Entusiasmados frente à possibilidade de fundação de uma fábrica de malhas, o primeiro passo foi a soma das economias. O terreno para a construção seria aquele situado nos fundos do quintal da casa de Carl Peiter, na atual travessa Guilherme Krieger. A responsabilidade ficaria dividida entre Otto Renaux, a quem caberia a parte comercial

e Reinaldo Graupner, que ficaria com a parte técnica. Graupner estava pronto para partir para a Alemanha, a fim de especializar-se em malharia e comprar as máquinas. Feitas as somas, faltavam sessenta contos de réis para completar o capital necessário à fundação da empresa. Entre amigos e parentes, quem concordou em conceder o empréstimo foi o coronel Krieger, sogro de Otto Renaux e na época, ainda o mais opulento comerciante de Brusque. O dinheiro, dentro de três dias, estaria à disposição no banco em Florianópolis. Mas os grandes negócios não estão imunes às intrigas familiares. Sob sugestão de sua filha mais velha, Krieger impôs como condição do empréstimo a participação de seu genro, o alemão Otto Gruber, na empresa. Gruber viera a serviço da firma comercial Freitas de Hamburgo, que concedera empréstimo a Carlos Renaux quando este comprou a fábrica de sua fábrica, a primeira no Estado. Casou-se em Brusque, mas de natureza instável e aventureira, era muito arriscado aceitá-lo como condição para a formação de uma empresa. Na falta de capital, deixou de ser fundada a fábrica de meias. Anos mais tarde, no reencontro com o velho Krieger, Graupner ouviu sua lamentação de não ter participado da fundação da nova firma e assim ter encaminhado seus negócios agrícolas e comerciais a um ramo de maior possibilidade futura, a indústria.

Este episódio teve sua repercussão. Otto Renaux, na busca de independência e com um temperamento forte que nem sempre harmonizava com o seu pai — eram muito semelhantes para ocuparem o mesmo espaço —, vai para o Cedro, onde permanece dois anos como gerente do negócio de seu sogro. Reinaldo Graupner, sem o companheiro na fábrica e desmanchada a possibilidade de firma própria, sai de Brusque.

Aqui começa a aventura do habilidoso moço brusquense e dará fruto o esforço no trabalho e sobretudo as horas solitárias dedicadas à leitura e aos estudos. Seguindo o convite do desenhista Watson, que fora morar nos Estados Unidos, Reinaldo Graupner parte para Nova York. Falava o italiano que aprendera em São Paulo, o francês que estudara sozinho em Brusque, o inglês que praticara com Watson e naturalmente o alemão, língua paterna. Em Nova York é recebido pelo amigo Watson, que passa a orientá-lo. O primeiro conselho foi o de fazer o reconhecimento da cidade, e de analisar as diferentes opções de emprego antes de aceitar qualquer proposta. A primeira chance veio de uma grande firma de comércio importador/exportador que perdera o gerente para os negócios sul-americanos e naturalmente, se interessava por alguém que conhecesse o português, ao lado de outras línguas. Reinaldo Graupner, vinte anos, apresentou-se para o cargo, em imponente prédio no coração do mundo dos negócios e finanças americanas — Wall Street. Não foi aceito pela pouca idade. Alegando não ter culpa de ter nascido tarde, não permitiu que este obstáculo lhe impedisse a carreira. Diante de sua insistência e do seu conhecimento da língua portuguesa foi-lhe confiada a secção para os

negócios com a América do Sul — do Brasil ao Peru e Equador atingidos por navegação fluvial pelo Amazonas. O prazo experimental no emprego foi estabelecido para duas semanas. Eram os anos de ouro nos Estados Unidos, havia muito dinheiro e os salários eram semanais, assim também, os contratos de trabalho. O primeiro passo de Graupner foi dilatar seu prazo na firma para dois meses, a fim de ter tempo de realizar alguma coisa. Naturalmente, foi necessário um esforço incomum: horas antes e depois do expediente que ia das 9,00 hs. da manhã às 5,00 hs. da tarde, para familiarizar-se com os negócios. Era regra da firma não fazer perguntas, porque “quem faz perguntas, trabalha com o miolo dos outros”. Começando a trabalhar às 7,00 hs. da manhã, duas horas antes do início do expediente, Graupner tinha tempo para ler os arquivos e estudar o passado da companhia. De excelente memória, treinada desde a infância, o que lia ficava gravado e no ramo comercial, a seu ver, as práticas uma vez conhecidas, sempre se repetem. Inteligência herdada do pai e esperteza desenvolvida precocemente pelas exigências da vida, com a personalidade forjada entre a gente de Brusque, honrada mas astuta, Reinaldo Graupner de fato “usou os miolos para vencer os obstáculos”. A firma em que começou a trabalhar naquela fase áurea da economia americana, mantinha práticas extremamente conservadoras. Adotava ainda na época, o uso de copiador de prensa em lugar da cópia de carbono e do arquivamento de cartas. Tal prática supunha provavelmente a moral da confiança nos negócios, mas poderia vir a lezar gravemente a contabilidade, o que observou o iniciante brusquense. Seu primeiro passo foi pedir a reunião dos acionistas e apontar-lhes o problema. Com isto, conquistou respeito e confiança na firma, o que lhe garantiu o emprego e após três meses de serviço, a bonificação integral dada aos funcionários a cada final de ano. A seguir, assumiu também a secção de comércio com a região do rio da Prata. Com a primeira guerra os negócios americanos expandiram-se ainda mais por todo o mundo, em substituição às nações européias diretamente envolvidas no conflito. Basta dizer que a firma onde trabalhava tinha seu nome impresso no formulário das cartas propositadamente minúsculo, para não atrair mais clientes. Passado algum tempo, Graupner transferiu-se para outra firma comercial americana de importação/exportação que visava expandir os negócios na América do Sul. O que tornou bem sucedida sua vida profissional foi sempre ter trabalhado com empresas de alta ética. Por suas mãos passaram “milhões e milhões de dólares”. Para sentir-se seguro diante de tanta responsabilidade, muitas vezes imaginava que ao invés de se tratar de dólares, estava lidando com o patacão brusquense, no valor de dois vinténs cada...

Reinaldo Graupner permaneceu dez anos nos Estados Unidos, trabalhando sempre no comércio internacional. Depois mudou-se para São Paulo. Continuou no ramo, mas trabalhando por conta própria como representante de uma usina americana e de usinas cana-

denses. Importava matéria prima para a indústria. Tinha em suas mãos 100% da importação do cobre e fazia encomendas de material de ferro, aço, zinco, folha de Flandres, inox, breu. Controlava praticamente a importação de cobre e com o cimento branco que importou foi revestido o túnel Nove de Julho e o viaduto do Chá em São Paulo. Pedidos de cevada eram feitos para o fabrico da cerveja no país.

Graupner tinha feito contrato com a firma americana que representava tendo como base a divisão dos lucros. Enviava os pedidos à matriz nos Estados Unidos que remetia a mercadoria ao Brasil, seguindo-se a repartição do lucro bruto. Oferecia vantagens pois conhecia bem os negócios aqui e no país exportador. Contava com importante freguesia entre as maiores firmas do Brasil. Tinha boas relações porque a indústria precisa de garantia da qualidade do material e da informação da melhor época para fazer as compras. Por exemplo, quanto ao material de cobre, dispunha de informações precoces sobre as oscilações do seu preço pois este, ao contrário do ferro, é artigo da Bolsa de Valores. A usina enviava-lhe telegrama dos Estados Unidos sobre a subida do preço a partir de certa hora. Como há diferença de fuso horário, Graupner no Brasil, ficava sabendo de antemão o preço que teria o cobre na Bolsa, passando esta informação aos seus fregueses, que levavam vantagem. Os pedidos das usinas nacionais e o orçamento eram calculados aqui, às vezes diretamente do escritório do freguês por telefone: chapas, vigas, etc. para a construção pesada, ou para as fábricas de bujões de gás e de latas. Algumas firmas como a Mangels por exemplo, lhe autorizavam a fechar quantidades ou negócios, sem consulta prévia, apenas confiando no seu tino de comprador.

Os negócios cederam com a construção da usina de Volta Redonda. Reinaldo Graupner, já com certa idade e não tendo herdeiros do sexo masculino que o sucedessem, não quis assumir novo compromisso de vulto na distribuição do produto nacional. Pela introdução do sistema de quotas para a importação instituído entre os anos de 1950-1960, a fim de favorecer a indústria brasileira, seus negócios foram sendo liquidados paulatinamente. Amante da música e com o talento herdado do pa, continuou com a importação de órgãos, que depois passou a construir pioneiramente em São Paulo, sob a marca "Hammond".

Reinaldo Graupner em sua vida particular, tinha também seus critérios para civilizar um pouco o desenvolvimento selvagem da capital paulista. Dono de propriedade no Brooklynn, um dos mais tradicionais bairros da capital, permitiu a venda dos lotes somente a quem se dispuzesse "a ajardinar o terreno e construir casa de classe".

Procurou compreender os jovens que, como ele, se dispunham a enfrentar o mundo e ofereceu lembrando-se de sua própria chance, uma bolsa de estudos em Chicago. Para Blumenau trouxe doação pa-

ra a escola que freqüentara na infância quando soube com lamento, que esta já não existia.

Sua carreira, deveu-a a terras distantes, mas o coração, cada vez mais com a idade, volta a pertencer a Brusque. Por diversas vezes veio rever os amigos e mantém a firme intenção de comprar um sítio aqui, caso encontre o local adequado, grande, para a plantação de frutas e próximo ao centro, para as dificuldades de um senhor já idoso. Mantém ainda conta no banco em Brusque, para as despesas de um eventual retorno.

O senhor Ayres Gevaerd publicara há anos em periódico local, a biografia do Sr. Reinhard Heinrich Graupner, pai de Reinaldo Graupner:

REINHARD HEINRICH GRAUPNER

Guardo vaga lembrança de Reinhard H. Graupner.

Lembro-me que residia em uma pequena casa situada na atual Praça Barão de Schneéburg.

Em 1919, ano de seu falecimento, tinha eu então 7 anos, quando lhe entreguei, certo dia, para consertar, um tambor. Na ocasião, lembro-me bem, "Alter Graupner" afinava um violino.

Creio que, das personalidades do passado brusquense, não remoto, o "Alter Graupner" é o mais lembrado pelas suas condições de artista, fino humorista, professor e boêmio.

Não raro, em seus jornais, si é que podem ser considerados assim, notadamente o "Brusquer Fastnachtszeitung", vieram a lume duas ou três vezes, era mordaz, um tanto quanto sarcástico, incapaz, todavia, de ferir brios ou a honra de seus semelhantes.

Todos lhe queriam bem e o admiravam pela sua inteligência, índole cordata e prestativa.

Participante dos grupos boêmios da época, frequentava com certa assiduidade bares, cervejarias e armazéns, cujos proprietários eram exaltados em seus escritos em prosa e verso. Não pretendo escrever, agora, sua biografia; no devido tempo, quando a S.A.B. organizar o cadastro biográfico das personalidades de Brusque, isso será feito.

Desejo simplesmente recordar, para os que o conheceram, aos saudosistas daqueles bons tempos, publicar novamente os notáveis versos do "Alter Graupner", retirados dos seus jornais e de folhetos que distribuía, muito bem impressos, por ocasião das festas dos Atradores.

Para o leitor que não conheceu R. H. Graupner, possivelmente não interessarão estas relembrações dos tempos de nossos pais.

Mas servem para ser avaliada a personalidade de um artista, de um jornalista e de um humorista extraordinário, que na década de

1910, principalmente, foi atuante em nossa comunidade deixando como testemunho de sua inteligência odes, poesias e quadros artísticos que hoje pertencem à Sociedade Amigos de Brusque e à Sociedade dos Atiradores.

R. H. Graupner foi sócio dos Atiradores, Rei do Alvo inclusive e participante de grupos culturais da época.

Nasceu na Alemanha no dia 14 de maio de 1867 e faleceu no dia 26 de junho de 1919, achando-se sepultado no cemitério da Comunidade Evangélica.

Devo acrescentar, antes de transcrever versos e notas do saudoso "Alter Graupner", que não é recomendável a tradução para o vernáculo. Perderiam completamente a graça e o sentido.

*

Reinhold H. Graupner fora o editor de um jornal na cidade que assim se intitulava:

B R U S Q U E R

"FASTNACHTSZEITUNG"

1915

Populär-wissenschaftlich-politisch-humoristisches
Organ zur Förderung gesunder Verdauung.

Verantwortlicher Redakteur: Ich, nicht.

Unverantwortlicher Redakteur: Ich auch nicht.

Jahrgang 2.

Dienstag, den 16. Februar 1915

Nr. 1

A S.A.B. guarda uma das edições, datada de terça-feira, 16 de fevereiro de 1915. De seu conteúdo, transcrevemos versos e artigos sobre a vida local:

BRUSQUER LEBEN.

Wie ist doch in Brusque, der kleinen Stadt,
So heiter und friedlich das Leben.
Man weiss, was ein jeder ist und hat
Was kann es Schöneres geben!
Der eine weiss von dem andern genau,
Was er zum Mittagmahl isset;
Und jeder weiss von des Nachbars Frau,
Wie oft sie des Tags über pisset.

Man redet davon, dass kürzlich Herr X
Sich eine Frau hat genommen,
Die schon hurze Zeit nach der Hochzeit so fix
Ins Wochenbett ist gekommen.
Und wenn ein Mädchen sich plötzlich verlobt.
Lässt man an ihr kein gures Haar mehr.
Beim Kaffeeklatsch wird gewaltig getobt;
Da zieht man über das Paar her.

Wieviel der und jener am Ahend zuvor
Hat Bier im Wirtshaus getrunken,
Wieviel der Willem in Rio verlor,
Weils Holz im Preis ist gesunken,
Wie Kollektorie und Kammer im Ort
Beständig mehr Steuern tun forden,
Erfährt man ohne die Zeituung sofort
Von schwatzhaften Tagesreportern.

Und das and der Ware der Kaufmann hier
Verdient mehr als 50 vom Hundert,
Das hört man tagtäglich, dass man sich schier
Schon meist gar nich mehr drüber wundert.
Und ist einer klug, ein andrer hält doch
Sich zwanzigmal klüger noch immer.

Und ist einer dumm, er findet dennoch
Einen andern, der noch ist viel dümmer.

Drum sag'ich: In Brusque, so lang es hesteht,
Ist stets Unterhaltung zu finden,
Besonders für den, der besser dran tät,
Zu denken der eigenen Sünden.
Man schwingt den kritischen Besen so sehr. ---
Was kriegt man da alles zu hören! ---
Es wär' freilich besser, wenn jeder vorher
Vor eigener Tür würde kehren.

BRUSQUER KNEIPEN

Wenn man nach des Tages Mühen
In der stillen Dämmerzeit,
Fröhlich will ins Wirtshaus ziehen,
Kommt man in Verlegenheit,
Weil man sinnt, wohin man gehet;
Kneipen gibt es ohne Zahl.
Zwischen vier, fünf Häusern stehet
Sicherlich ein Bierlokal.

Will allabendlich besuchen
Man nicht mehr als ein Lokal
Muss man sich das täglich buchen,
Damit jedes dran kommt mal.
Doch die meisten Gäste irrten
Trotzdem sich nach kurzer Frist,
Weil die Liste von den Wirten
Eine ziemlich lange ist.

Drum hab' ich für Wirt und Gäste
Diese Liste hier gemacht;
Alle Wirte sind aufs Beste
Drin in Vers und Reim gebracht.
Jeder sei nun so vernünftig,

Lern' die Liste ganz genau,
Rezitier' geht aus er künftig,
Vorher stets sie seiner Frau:

OSCAR Krieger, Rau, Sabina,
Noli, recte Antonina,
O. Petruske Lübke, Strecker,
Rudolf Krieger, Niebuhr, Becker,
Otto Schaefer, Josef Knihs,
Edmund Moritz vis a vis,
Krause und Gregorio,
Alles Wirte "comme il Faut" -
Bei João Schaefer, bei Lauritzen,
Und bei Appel kannst du sitzen?
Auch bei Gracher und Max Köhler,
Nur sei niemals ein Krakeler,
Trinkst als Gast dein Bier du friedlich,
Wird kein Wirt je ungemütlich.

Freund, du siehst, in Brusque fehlen
Für Besitzer trockner Kehlen
Bierlokale nicht und Kneipen,
Wo man kann die Zeit vertreiben.
Sieh nur zu, dass du als Gast
Auch das nöt'ge Kleingeld hast.

PECH IM BICHOSPIEL

Vor Wochen da florierte bei uns das Bichospiel.
Ich hab' dabei verloren manch schwer erworbi nen Mil
Das Glück war nie mir günstig, ich setze immer fehl;
Denn setzt' ich auf den Esel, gewann sets das Kamel
Venn aufs Kamel ich setzte, kams umgekehrt dann:
Zu meinem grössten Aerger der Esel da gewann.
Ich dacht' bei mir: Wie kommt es, dass nie
ich was gewinn?
Weil ich als Bichospieler Kamel und Esel bin.

NOTA — Continua no próximo número.

Documentos da Administração
Barão Maximiliano de Schneéburg referentes
a janeiro, março e abril de 1864

Respeitada a ortografia original.

Directoria da Colonia Brusque em 28 de janeiro de 1864

Illm^o e Exm^o Senhor

Tenho a honra de submeter respeitosamente à Vossa Excellencia as Contas aqui juntas do Trimestre de Outubro, Novembro e Dezembro documentados.

Deos Guarde à V^a Ex^a

Illm^o e Exm^o Snr. Francisco José de Oliveira
Dm^o Vice Presidente da Provincia de St^a Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

— o —

Directoria da Colonia Brusque em 12 de Fevereiro de 1864

Illm^o e Exm^o Snr.

Vossa Excellencia me ordena informar sobre o requerimento, que junto devolvo, de Antonio Straub. O que tenho de referir à Vossa Excellencia a respeito d'este homem é: que elle Antonio Straub, por Ordem do Exm^o Snr. Vice Presidente o Snr. Commendador João Francisco de Souza Coutinho, datada de 3 de Dezembro de 1862 foi expulso e expellido do nucleo d'esta Colonia por ser desordeiro.

Esse individuo em cada mudança da Exm^a Presidência sempre intentou illudir a cada nova Presidencia com seus requerimentos illusorios, procurando de balde a frustar a muito justiceira determinação

do muito digno Exm^o Snr. João Francisco de Souza Coutinho, suppondo que as novas Presidencias ignorassem as suas culpabilidades.

Deos Guarde a V^a Ex^a

Illm^o e Exm^o Snr. Francisco José de Oliveira
Dm^o Vice Presidente da Provincia de St^a Catarina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

— o —

Directoria da Colonia Brusque aos 11 de Março de 1864

Illmo^o e Exm^o Snr.

Tenho a honra de remetter incluso a V^a Ex^a o orçamento das despezas necessarias para o costeiro e as obras publicas d'esta Colonia, para o trimestre de Abril, Maio e Junho proximo futuro da importancia de Rs. 8:776.998 oito Contos setesentos e setenta e seis Mil novecentos noventa e oito Reis, e rogo a V^a Excia Se dignar manda-la consignar e pagar ao meo procurador bastante o Snr. Julio M. de Trompowsky, Agente da colonização d'esta Provincia.

Deos Guarde a V^a Excellencia

Illm^o e Exm^o Snr.
Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

— o —

Directoria da Colonia Brusque aos 11 de Março de 1864

Illm^o e Exm^o Snr.

Tenho a honra de submetter a V^a Exia. um requerimento do colono Maximiliano von Printz que pede o abono de Rs. 100\$0000 — para concluir as obras de seo engenho de moer milho, sobre o qual tomo a liberdade de informar o seguinte:

Sendo as dimensões das pedras mandadas pelo Governo da Pro-

vincia para estabelecer quatro moinhos da natureza, que não podem produzir a quantia de fubá para satisfazer nem em aproximada parte do consumo de fubá da colonia nem em conjunto com os outros moinhos particulares, que já existem, he de certo de summa importancia que se estabelecem ainda engenhos por esta producção a fim de que os colonos possam transmutar os seus productos ruraes em comestiveis e fazer o seo grande gasto de pão, o que todas as familias fazem com preferencia em maior parte de fuba.

Em consideração d'este e que o engenho, que o colonio von Printz esta estabelecendo, tem as dimensões sufficientes para satisfazer uma parte consideravel do prezisão de fuba aos colonos vizinhos, tomo a liberdade da apoiar o pedido do dito colono von Printz, sendo tambem a quantia requerida muito pequena relativamente da grande importancia para a colonia como tambem do valor do engenho, tanto mais, que a proposta amortisação d'esta quantia em menos de um anno sera restituída a caixa, e V^a Exia. determinará como por bem houver.

Deos Guarde V^a Excellencia.

Illm^o e Illm^o Snr.

Presidente da Provincia de St^a Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

— o —

Directoria da Colonia Brusque em 15 de Março de 1864.

Illm^o e Exm^o Snr.

Junto submetto a determinação de V^a Ex^a o requerimento de Carlos Fischer, casado de profissão sapateiro, que pede um terreno na Séde da Colônia para estabelecer-se no seu officio.

Consta ser homem socegado e bom marido outrossim é perfeito no seu officio de que tem absoluta falta neste colonia e porisso julgo ser de utilidade para os habitantes, se V^a Ex^a por bem houver deferir-lhe como requer.

Deos Guarde a V^a Ex^a

Illm^o e Exm^o Snr. Presidente desta Provincia

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 10 de Abril de 1864.

Illmº e Exmº Snr.

Tenho a honra de submeter à Vª Exª os pedidos do Snr. Otto Linger medico desta Colonia, sobre os medicamentos e drogas que elle necessita, afim de que Vª Exª Se Digne mandar fornecer os mesmos artigos à esse estabelecimento, que tem urgência de possuil-os.

Deos Guarde a Vª Exª

Illmº Exmº Snr. Francisco Jozé de Oliveira
Dmº Vice Presidente da Provincia de Sta. Catharina.

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 24 de abril de 1864

Illmº e Exmº Snr.

Em consequencia do Despacho, que Vª Exª Se Dignou dar com data: 20 do corrente mez no requerimento de Frederico Dankwardt: que eu attendesse à petição do mesmo, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vª Exª que assim o cumpri immediatamente.

Deos Guarde à Vª Exª

Illmº e Exmº Snr. Commendador Francisco Jozé de Oliveira
Dmº Vice Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

EDECAR VEÍCULOS LTDA.

Administração: EDGAR WICHERN

Comércio de Automóveis em geral

Fones: 0473 - 55 - 1746 — Caixa Postal, 363

AVENIDA OTTO RENAUX, 282

CEP 88350 - **BRUSQUE** - Santa Catarina

Número 23 — Ano VI — Tiragem de
— 500 exemplares —

Colaboração financeira integral de

A. Martins & Cia. Ltda. - Representações

Irmãos Fischer S. A. — INDÚSTRIA E
COMÉRCIO

Comércio de Automóveis « AVENIDA » Ltda.

MÁRIO WALENDOWSKY

Edecar Veículos Ltda.

COMÉRCIO DE VEÍCULOS
EM GERAL

Irmãos Fischer S. A. - Ind. e Com.

Rua Gregório Diegoli, 35 - BRUSQUE - Santa Catarina
88350 BRASIL

Fones: PABX (0473) 55-1544 - 55-1245 - 55-1045 - TELEX 473-0519

FÁBRICA DE: Equipamentos para indústria da pesca —
Equipamentos para indústria da carne — Carrinhos de
ferro para construção civil — Fornos elétricos para
———— uso doméstico ————

Comércio de Automóveis «Avenida» Ltda.

— GERÊNCIA DE —

Mário Walendowsky

Rua Germano Schaefer, 165

———— Fone: (0473) 55 - 1179 ————

BRUSQUE — SANTA CATARINA

A. Martins & Cia. Ltda.

Representações: FOSFANIL S/A - Anilinas
REINAG LTDA. - Produtos
Químicos

Rua Adriano Schaefer, 42 — Sala 10

Telefone: 55 - 0171 DDD 0473

BRUSQUE — SANTA CATARINA